

ENTREVISTA
PROF. DR. JOSÉ LUIS DE DIEGO
(Universidad Nacional de La Plata, Argentina)

**RIQUEZA INTERDISCIPLINAR E DEBILIDADE
INSTITUCIONAL: CONSOLIDAÇÃO DOS ESTUDOS
DE EDIÇÃO NA AMÉRICA LATINA**

Ana Elisa Ferreira Ribeiro¹

A consolidação dos estudos de edição, em sentido amplo, e de edição literária, vem ocorrendo em toda a América Latina, incluindo-se o Brasil. Não apenas em São Paulo e no Rio de Janeiro, mas também em Minas Gerais, em estados do Nordeste e do Sul do país, vêm se consolidando linhas e grupos de pesquisa, cursos de pós-graduação *stricto* e *lato*, cursos de graduação, especialmente os ligados à área de Letras, além de projetos de pesquisa e de uma bibliografia cumulativa, em editoras especializadas. O grupo de pesquisa em Produção Editorial da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom, por exemplo, existe há vários anos e congrega, cada vez mais, pesquisadores de diversos campos. No CEFET-MG, o bacharelado em Letras com linha de formação em Tecnologias da Edição vem graduando turmas de interessados na ação e na reflexão sobre o mercado editorial, além de outras iniciativas na instituição, como uma linha de formação no programa de Mestrado e Doutorado, e em parcerias, por exemplo, com a Universidade Federal de São Carlos, em São Paulo, entre outras. Em uma visita à Universidade Nacional de La Plata, em 2017, tive o prazer de conhecer o professor José Luis de Diego, eminente pesquisador argentino do campo, Doutor em Letras e professor de “Introdução à Literatura” e “Teoria Literária II” da UNLP, situada na capital do estado de Buenos Aires, vizinha à capital federal homônima. São muitas as razões para entrevistá-lo e conhecer melhor sua atuação e suas ideias.

De Diego foi decano da Faculdade de Humanidades da UNLP (1992-1998 e 2001-2004) e diretor do Instituto de Investigações em Humanidades e

¹ Doutora em Linguística Aplicada pela UFMG, Professora e pesquisadora da linha de Edição, Linguagem e Tecnologia do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, CEFET-MG. Endereço Eletrônico: anadigitalpro@gmail.com

Ciências Sociais (UNLP-CONICET) (2009-2013), em anos recentes. Entre suas publicações, estão as obras *Roland Barthes. Una Babel Feliz* (1994); “¿Quién de nosotros escribirá el Facundo?” *Intelectuales y escritores en Argentina (1970-1986)* (2001); *La verdad sospechosa. Ensayos sobre literatura argentina y teoría literaria* (2006); *Una poética del error. Las novelas de Juan Martini* (2007), nenhuma ainda traduzida ao português. Como organizador, produziu os volumes *Editores y políticas editoriales en Argentina (1880-2000)* (2006; segunda edición ampliada, 2014); *La teoría literaria hoy. Conceptos, enfoques, debates* (em colaboração com José Amicola, 2008); *La otra cara de Jano. Una mirada crítica sobre el libro y la edición* (2015), além de numerosos artigos em revistas argentinas e internacionais. Desde 2011, De Diego codirige com Sylvia Saitta a coleção “Serie de los Dos Siglos” para a Editora Universitária de Buenos Aires (Eudeba). Especializou-se em temas de história intelectual, teoria literária, literatura argentina e, nos últimos anos, indústria editorial.

Depois de acertos pessoais e de uma troca de artigos sobre as questões de edição contemporâneas, seguiu-se a entrevista que segue, traduzida por mim. O professor De Diego aborda questões de edição e circulação de livros, traduções e literatura que bem podem ser análogas às nossas no Brasil. Uma delas é a força interdisciplinar dos estudos em edição em contraste com a debilidade institucional no campo, até mesmo com certa dificuldade de algumas instituições compreenderem o que se está fazendo e propondo; o “autismo” – nas palavras dele – que envolve os centros controladores da edição, situação bem semelhante até mesmo dentro do Brasil, etc. Assim como uma bibliografia especializada que começa a existir e a se somar _isso está solto!. Atentemos para as situações postas pelo entrevistado, aproveitando para mirar nosso próprio projeto:

1. Professor De Diego, o campo dos estudos da edição tem se estabelecido em toda a América Latina e, especificamente no caso do Brasil, alguns cursos e áreas de pesquisa vêm se consolidando, aos poucos. Em que estágio você considera que estamos na América? E na Argentina?

Na Argentina, durante o século passado, os estudos eram episódicos, focalizados em períodos determinados e em projetos editoriais específicos. Por outro lado, alguns trabalhos, como o de Eustasio García e o de Raúl Bottaro, se interessavam mais pela edição do ponto de vista industrial e empresarial, da perspectiva da cultura impressa. Quando, em 2006, publicamos nosso *Editores y políticas editoriales en Argentina (1880-2000)*, o que buscávamos era sistematizar o que já tinha sido feito e visualizar um panorama que consolidaria um estado da questão, e esse se transformaria em um livro de referência. Desde então, numerosos trabalhos têm sido feitos, completando e enriquecendo o campo de estudos. Refiro-me a nosso grupo na Universidade Nacional de La Plata; Gustavo Sorá e sua equipe do CeMiCi (Universidade Nacional de Córdoba); Horacio Tarcus e seu grupo no Centro de Documentação e Investigação da Cultura de Esquerdas (CeDInCI); Alejandro Parada, do Instituto de Investigações Bibliotecológicas da Universidade de Buenos Aires (UBA); Alejandro Dujovne, do Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social (IDES); Margarita Pierini, da Universidade Nacional de Quilmes; Leandro de Sagastizábal, Graciela Batticuore, Sylvia Saítta, Alejandra Giuliani, entre outros.

Nesse sentido, é importante mencionar outras produções que transcendem tudo isso. Por um lado, a realização dos Colóquios Argentinos de Estudos sobre o Livro e a Edição: o primeiro, realizado em outubro de 2012, em La Plata, e o segundo, em setembro de 2016, em Córdoba. Interessa assinalar que nos dois Colóquios estiveram presentes colegas do Brasil, como Gabriela Pellegrino Soares e Nelson Schapochnik, da Universidade de São Paulo (USP); Eliana de Freitas Dutra, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); e Giselle Venancio, da Universidade Federal Fluminense (UFF). Por outro lado, há o crescimento e a visibilidade de uma editora argentina especializada em nossos temas, a Ampersand, dirigida por Ana Mosqueda, e que tem provido o campo de estudos com materiais de muito bom nível em espanhol (Jean-Yves Mollier, Anthony Grafton, Martyn Lyons, Armando Petrucci...).

Traçar um panorama da América Latina é mais complexo, mas a medida que se vai consolidando a Rede “Editores e Editoras Iberoamericanos

(séculos XIX-XXI)” (conhecida e difundida como EDI-RED), vamos tomando contato com colegas de outros países, o que nos tem permitido ampliar a mirada e os intercâmbios. É preciso apontar, como exemplo, dois antecedentes importantes: o 1º Congresso Latinoamericano da *Society for the History of Authorship, Reading & Publishing* “A Cidade das Letras”, realizado na Universidade Federal Fluminense (UFF), em novembro de 2013, e o *Simpósio Historia de la edición y de la lectura: experiencias desde México, Argentina y Colombia*, no Instituto Caro y Cuervo, de Bogotá, em janeiro de 2016. Tive a oportunidade de participar de ambos os eventos e pude comprovar a vitalidade e o impulso de nosso campo de estudos. A essas iniciativas há que somar as de Marina Garone, uma colega da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM), que está na terceira edição de seus congressos *Las Edades del Libro*, no Instituto de Investigações Bibliográficas. Estas iniciativas vão acumulando um conjunto de trabalhos e investigações que desenham um mapa cada vez mais nítido da história da edição em nossa América.

2. A Argentina e outros países americanos de língua espanhola têm uma experiência mundialmente respeitada quanto à edição literária. Fale-nos um pouco sobre isso.

Como qualquer história da edição, a da Argentina tem ciclos de expansão e de crise. Em nosso livro de 2006 (que mencionei antes), um dos problemas que enfrentamos foi o da periodização: encontrar, definir e caracterizar esses ciclos. Talvez o ciclo de maior presença e visibilidade da edição na Argentina tenha sido o que se inicia no fim dos anos 1930. A Guerra Civil na Espanha provocou o colapso de sua indústria editorial, e a Argentina aproveitou essa oportunidade para se colocar no mercado de língua espanhola como o primeiro país produtor e exportador de livros. Esse ciclo, que tem sido caracterizado como a “época de ouro” da edição, durou aproximadamente até meados dos anos 1950, até a queda do primeiro peronismo. Nesse período, destacaram-se, no campo da edição literária, as editoras Losada,

Sudamericana, Santiago Rueda, Emecé, entre outras. Desde então, essa bonança não voltou a se repetir. A edição em nosso país conta com dois inimigos que a visitam periodicamente: as ditaduras militares, que têm abortado projetos culturais transcendentais (como nos primeiros setenta), e a instabilidade da economia, a oscilação das políticas nesse campo e a existência de fortes processos inflacionários que conspiram contra a possibilidade de projetar políticas do livro de médio e longo prazo. Nos últimos anos, a maioria dos países hispanofalantes tem sofrido um processo vertiginoso de estrangeirização das empresas. A criação de consórcios internacionais que compram as editoras mais rentáveis dos países emergentes tem gerado um oligopólio internacional do livro que se transformou em uma ameaça à bibliodiversidade.

3. A edição em língua espanhola tem grande alcance. Fale-nos sobre a relação entre língua, mercado, edição e arte.

Como é sabido, há muitos e variados usos da língua espanhola, como os há da língua portuguesa, e esse é um dos problemas centrais para as indústrias culturais em geral. Os centros que controlam o mercado de livros – atualmente, Barcelona e Madri – terminam por controlar também o mercado de traduções, e, portanto, há variedades do espanhol que se tornam “monopólios” na hora de traduzir textos literários. Por exemplo, a editora Anagrama, de Barcelona, tem um dos melhores catálogos de literatura internacional traduzida ao espanhol; no entanto, as traduções em um espanhol peninsular costumam ser intoleráveis para um leitor latino-americano. De outro lado, os centros espanhóis operam com a “vitrine” que têm os autores para ingressar em um mercado de traduções. Se um autor argentino quer ser lido na Argentina, pode publicar na Argentina. Mas se quer ser lido no Chile ou na Colômbia, convém a ele ser editado na Espanha. E muito mais: se tem a expectativa de ser traduzido ao inglês, ao francês ou ao italiano, é quase indispensável que essa tradução venha de Barcelona. Há, na Argentina, bons trabalhos sobre esses temas, como os de Patricia Willson,

Alejandrina Falcón, Alejandro Dujovne e Valeria Añón. Para o caso da língua francesa, há os trabalhos estupendos de Gisèle Sapiro. Nos Estados Unidos, o alarme disparou a partir de um estudo que revelou que de cada 100 livros que circulam lá, 97 foram escritos originalmente em inglês e somente três provêm de uma tradução de qualquer outra língua, o que parece demonstrar que a maior potência no manejo e no controle das indústrias culturais é, poderíamos dizer, culturalmente “autista”.

4. Como têm sido pensados os projetos de pesquisa sobre edição literária? Há projetos relevantes? Quais?

Já mencionei alguns projetos específicos. Seguramente, o de maior envergadura é a EDI-RED, que tem sede no Conselho Superior de Investigações Científicas da Espanha e administra um site, em convênio com a Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. É o site de maior visibilidade sobre história da edição em nossa língua, e conta com coordenadores e colaboradores em todos os países falantes de espanhol ou português e do resto das línguas peninsulares (catalão, galego e euskera): http://www.cervantesvirtual.com/portales/editores_editoriales_iberoamericanos/.

Quanto à como se pensam e desenham os projetos de pesquisa, no ano passado se levou a cabo na Universidade de Alcalá o primeiro encontro de que tenho conhecimento sobre os problemas teóricos e metodológicos que enfrentamos no estudo da história da edição. Seria extenso e complexo desenvolver aqui uma síntese do que foi discutido, mas posso apontar alguns desses problemas: 1) a definição do objeto de estudo: do livro à edição, da edição à leitura; 2) a combinação de variáveis quantitativas com variáveis qualitativas; para a história da edição importam as duas coisas: se a obra é boa, mas também quanto, como e onde se vendeu; 3) as relações entre o disciplinar e o interdisciplinar: os que estudamos a história da edição viemos de campos disciplinares diferentes (História, Estudos Literários, Biblioteconomia, Sociologia, Antropologia); essa realidade nos dá, por sua vez, riqueza

interdisciplinar e debilidade institucional; 4) as limitações do recorte nacional, as incertezas de panoramas mais amplos: os mercados, obviamente, não se limitam ao que ocorre em um país, mas ultrapassar o limite dos estudos nacionais na edição complexifica notavelmente o objeto; neste ponto, se reproduzem os debates entre as histórias ou as literaturas nacionais e seus inumeráveis intercâmbios materiais e simbólicos com outras culturas.

5. Qual é a sua percepção sobre os estudos de edição no Brasil, em relação à América Latina?

A Argentina é um país cuja classe dirigente esteve sempre mirando a Europa, onde as segundas línguas foram primeiro o francês e agora o inglês, de modo que, apesar da proximidade e dos múltiplos intercâmbios históricos entre nós e o Brasil, o português foi uma língua pouco estudada e pouco difundida em nosso país. Essa situação tem mudado nos últimos anos graças aos convênios bilaterais desde o marco do Mercosul; por exemplo, na Faculdade de Humanidades da UNLP (onde trabalho) abriu-se um professorado em português faz apenas dois anos. Com isso, quero dizer que não é comum encontrar textos em português nas bibliografias de nossos programas de estudo. Não obstante, alguns trabalhos vão abrindo essa ponte necessária. Refiro-me, por exemplo, aos de Gustavo Sorá, um pesquisador argentino que se ocupou dos intercâmbios editoriais entre Brasil e Argentina em *Traducir el Brasil. Uma antropología de la circulación internacional de ideas*, e que escreveu um livro sobre uma editora decisiva na história editorial brasileira: a José Olympio. Em todo caso, os argentinos em general conhecemos pouco do mercado editorial brasileiro e sua história, o que é bastante imperdoável, dado que se trata do mercado nacional mais numeroso e importante da América Latina.

6. Qual é seu projeto atual de investigação em edição?

Na Universidade Nacional de La Plata, dirijo o projeto “Políticas editoriales y modernización literaria: géneros, cultura visual, nuevas tecnologías” (2014-2017) [Políticas editoriais e modernização literária: gêneros, cultura visual, novas tecnologias]. Este tipo de projeto inclui investigadores formados e em formação, bolsistas e doutorandos, por isso tem um título amplo e que abarca diversas temáticas: uma jovem bolsista se doutorou em novas tecnologias aplicadas à edição; uma colega trabalha na análise de catálogos de livros ilustrados; outro bolsista está por se doutorar com uma tese sobre a Minotauro, a mais importante editora do gênero ficção científica em língua espanhola; também há uma doutoranda que está estudando as edições, na América e no sistema de traduções, do chamado *boom* da literatura latino-americana (García Márquez, Cortázar, Fuentes, Vargas Llosa...). Ou seja: dirijo um grupo que tem afinidades com o campo da história da edição, mas com direções e objetos heterogêneos. Além dele, sou coordenador responsável da Argentina na EDI-RED. Codirijo, junto com Sylvia Saïtta, a coleção de literatura e ensaísmo argentinos “Serie de los dos siglos” para a Editoria Universitária de Buenos Aires (EUDEBA).

7. Há muitos projetos de estudos de edição contemporânea recortados conforme temas ou enfoques: gênero, etnia, orientação sexual, países, nicho de mercado, etc. Você tem acompanhado estudos desse tipo? Acha que têm sido férteis?

Sim, há estudos que têm recortado seus objetos de diversas maneiras e a partir de diversos fundamentos. A respeito dos recortes de gênero (no sentido de *genre*), existem numerosos estudos sobre gêneros populares, como a novela de folhetim, o conto popular ilustrado, as coleções de grande circulação em formatos pequenos e de baixa qualidade. A respeito de estudos sobre edição segundo o gênero (no sentido de *gender*), posso

mencionar os trabalhos de Pura Fernández, do CSIC [Conselho Superior de Investigações Científicas], sobre as mulheres letradas do século XIX e sua intervenção em projetos editoriais específicos. Sobre o recorte por país, já me referi, em respostas anteriores: diria que desde a publicação da *Histoire de l'édition française* (dirigida por Roger Chartier e Henri-Jean Martin e publicada em quatro tomos, entre 1982 e 1986), o recorte nacional é um dos mais consolidados em nossos trabalhos. Sobre estudos de nichos de mercado, também há muito interesse, como a tese de Ezequiel Saferstein sobre o *best-seller* na Argentina (também na Espanha o fez o grupo de José Manuel López de Abiada), ou estudos específicos sobre a publicação e divulgação de livros de ciências sociais, ou sobre os catálogos das editoras independentes e emergentes (como os de Malena Botto e Daniela Szpilbarg, e o muito bom de José de Souza Muniz Jr. da Universidade de São Paulo).

8. Como um pesquisador pode se iniciar em estudos de edição?

Alguém disse que uma disciplina começa a existir quando se forma uma biblioteca. Se somarmos o amplo espectro que inclui a história do livro, da edição e da leitura – isso que se costuma sintetizar no conceito de cultura impressa – podemos dizer que já temos essa biblioteca. Vão se consolidando ainda institutos de investigação, associações, congressos específicos e inclusive, como já adiantei, editoras especializadas. Porém, se tomarmos como referência as disciplinas de onde proviemos, nós que estudamos a edição somos tidos como marginais ou excêntricos. Essa realidade torna difícil a visibilidade institucional de nossos estudos: um historiador que investiga em história econômica ou social não tem que se justificar diante de ninguém, no entanto, um historiador deste aspecto particular da história cultural terá sempre mais dificuldades de reconhecimento disciplinar. Mas não pretendo desanimar ninguém: de qualquer dos campos disciplinares que mencionei (História, Estudos Literários, Biblioteconomia, Sociologia, Antropologia) pode-se abordar investigações sobre a história ou a sociologia da edição. E não há segredo algum: como em qualquer disciplina, a formação

tem a ver com a vocação, o esforço e a dedicação. Eu recomendaria ir do geral ao particular: desde os grandes panoramas históricos que contemplam uma base indispensável de saberes e de dados, aos casos específicos que, por meio do labor investigativo, agregam conhecimento à disciplina. E, em paralelo, uma contínua reflexão sobre os aspectos teóricos e metodológicos, que são o que fundamenta, guia e orienta nossos trabalhos.

Recebido em 20 de abril de 2017.

Aceito em 28 de junho de 2017.